



MODOS DE PRODUZIR A VIDA: LUTAS PELO COMUM EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Francine Sampaio
Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)
Endereço eletrônico: francinesampaioh@gmail.com

Lia Tiriba
Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)
Endereço eletrônico: liatiriba@gmail.com

1879

INTRODUÇÃO

O modo de produzir a vida na sociedade capitalista se dá por meio da troca e venda de mercadorias, inclusive da mercadoria força de trabalho. Essa forma social histórica tenta ser imperativa a fim de que se esgotem todas as práticas comunitárias; e todas as esferas da vida social se adequem à lógica imposta pela sociabilidade do capital. Contudo, povos e comunidades tradicionais resistem a esse movimento e produzem a vida movidos pela lógica do “Comum”, conceito este que nos debruçamos na pesquisa *Trabalho-educação, modos de vida e modos de produção da existência humana: A construção do comum em comunidades tradicionais*¹

Segundo Thompson (1981), autor materialista da cultura e da história, homens e mulheres se constituem tanto por condições objetivas (vestes, comida, bebida) como por condições subjetivas (gostos, gestos, pensamentos). Ainda que a lógica mercantil se imponha como a única forma de vida possível, os sujeitos ainda possuem culturas, costumes e tradições próprios de sua forma de existir. Por isso, conforme Williams (2011, p.59) “nenhum modo de produção e, portanto, nenhuma sociedade dominante [...] pode esgotar toda gama de prática humana e da intenção humana.” Neste sentido, a pesquisa se debruça sobre as comunidades tradicionais que, assentadas em suas práticas de solidariedade, cooperação e partilha produzem a vida humana pelo ideário do comum e não pela via de mercado capitalista.

Calcada no método da lógica histórica que pressupõe a relação entre conceito e evidência interrogada em E. P. Thompson (1981; 1998), e no conceito de Comum em Dardot e Laval (2017), o trabalho de campo indica como o capital avança sobre as

¹ Projeto coordenado pela professora Doutora Lia Tiriba na qual sou bolsista de iniciação científica do CNPQ.



comunidades tradicionais e estas por sua vez resistem às investidas do mesmo, afirmando seus modos de vida construídos em torno de valores do Comum. O capitalismo, agora em sua fase neoliberal, com o desmonte de políticas públicas, desresponsabilização do Estado, retirada de direitos e individualismo, atinge seu ápice de mercantilização da vida e, portanto, da dissolução das práticas comunitárias (DARDOT; LAVAL, 2017). Vale lembrar que, embora, raramente, as políticas públicas vão ao encontro dos modos de produzir a vida dos povos tradicionais, os avanços do capital sobre os territórios os obrigam a reivindicar essas políticas para a preservação de suas terras e de seus modos de vida.

A forma de resistência, consoante Dardot e Laval (2017), à imposição da lógica do sistema capitalista é o Comum, ou seja, segundo os autores, o Comum é uma prática comunitária de produzir a vida que ao se opor à forma mercantil, é um princípio político das lutas atuais que pode superar o capitalismo. A produção da vida tem uma estreita relação com a natureza. Nas comunidades tradicionais o meio ambiente e o ser humano não estão numa relação hierárquica, em que o primeiro é o soberano. Ao contrário, a natureza é o corpo dos sujeitos sociais, isto é, estes só existem à medida que se relacionam com a natureza por meio do trabalho. Isso demonstra a presença do Comum na produção da vida desses povos, uma vez que se utilizam da natureza para sua subsistência e não da compra e venda de mercadoria engendrada por terceiros.

METODOLOGIA

Na condução da pesquisa pautada no método do materialismo histórico dialético de Marx, fez-se investimentos teóricos principalmente em E.P. Thompson (1981; 1998), e Dardot; Laval (2017), e também em outros autores como Willians (2011) e Alves; Tiriba (2018). Em vista da pandemia da *Covid-19*, utilizou-se para a coleta de dados empíricos documentários como O fio da meada – de Silvio Tendler, e relatos dos sujeitos inseridos nessas comunidades, por meio de reuniões online de Grupos Ampliados de Pesquisa (GAP)²

Também a participação em seminários, de forma remota, tem ajudado a compreender que a defesa do Comum é uma maneira de questionar e resistir às mediações do capital. A participação no seminário intitulado “Modos de produzir a

² Grupos que reúnem diversos pesquisadores e seus respectivos orientandos, bem como pesquisadores já titulados, de várias universidades que pesquisam em áreas que se relacionam entre si.



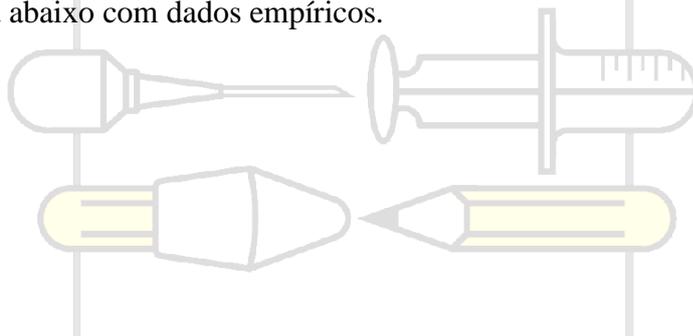
vida de povos e comunidades tradicionais no Baixo Tocantins” que foi ministrado pela professora Maria das Graças (UFF), pelo professor Carlos Alberto Correia (UFPA) e o bispo Dom Altevir do município de Cametá (Pará) trouxe dados importantes como, as obras feitas no rio Tocantins, que afetam diretamente o modo de produzir das comunidades tradicionais. Essas obras afetam a atividade da pesca, base para a subsistência das comunidades, uma vez que atingem os peixes do rio Tocantins fazendo com que aos poucos a vida desses animais já não exista ali.

A realização dessa obra logo evidencia uma tentativa do Estado de inserir relações estreitamente capitalistas nas áreas rurais, pois, por exemplo sem a atividade da pesca, muitos povos tradicionais para complementar sua subsistência, terão de ir procurar trabalho remunerado fora da comunidade, ou seja, ser um assalariado, ainda que temporário. Vale salientar que, trabalho assalariado é um pilar fundamental para a existência do modo de produzir mercadorias. Isso significa que o Comum como ideário para o modo de produzir a vida atrapalha a imposição material, ideológica e social do sistema capitalista e por isso a prática do Comum é uma forma política que abre um novo horizonte de modo de vida, para além da troca, venda e consumo de mercadorias (DARDOT; LAVAL, 2017).

1881

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo das discussões, constatou-se que muitas são as semelhanças entre as comunidades que optam por produzir a existência humana por meio daquilo que é comum. Essas semelhanças podem ser identificadas nas culturas, nos gestos de solidariedade, religiosidade, na relação com a natureza, na valorização das atividades agropecuárias, e sobretudo no enfrentamento de coexistência com a sociedade do capital. Os povos tradicionais possuem características muito próprias que as distinguem do cerne (produção para venda e obtenção de lucro), do modo de produzir mercadorias. Veja a tabela abaixo com dados empíricos.

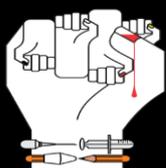


Realização:



Apoio:





1. Características de comunidades tradicionais

<p>COMUNIDADE DO VALE DO GUAPORÉ: RIBEIRINHOS E QUILOMBOLAS</p>	<p>Constroem o saber por meio das práticas cotidianas. A religião é o aspecto marcante dessa comunidade, por isso realizam a festa do Divino Espírito Santo, que além de possuir cunho religioso e cultural também é uma forma de produzir a vida. O trabalho nessa comunidade é uma forma de aprender e compartilhar os conhecimentos, além de promover a interação entre os sujeitos. Fonte: TIRIBA, SOUZA, 2017</p>
<p>COMUNIDADES RURAIS DO PLANALTO - BAHIA. TRABALHO E EDUCAÇÃO DE MULHERES</p>	<p>O trabalho doméstico está enraizado na vida dessas mulheres, sendo considerado por elas uma atividade cansativa, porém essencial para produzir a vida. Além disso, realizam também o trabalho extra-doméstico do plantio e da colheita. Logo essas mulheres produzem a vida tanto como os homens. Fonte: ANDRADE; SILVA; ALVES, 2015.</p>
<p>COMUNIDADE DO QUILOMBO DE MUMBUCA- TOCANTINS</p>	<p>Esses povos estão entrelaçados pela solidariedade e coletividade. Dependem muito do clima para produzir, uma vez que possuem pouca ou nenhuma tecnologia para a produção. Há comercialização nessa comunidade, porém sem vistas à lucratividade, apenas com o objetivo de satisfazer as necessidades das famílias. As mulheres mais velhas dessa comunidades são grandes referências e possuem um saber ligado a religiosidade e por isso são denominadas raizeiras e benzedeiças. Fonte: A partir do depoimento da Isabelle (Quilombola) em uma reunião de Grupos Ampliados de pesquisa. 16/11/2021</p>
<p>COMUNIDADE DO TAPAJÓS - AMAZÔNIA</p>	<p>A comunidade do Tapajós localiza-se próxima ao rio Tapajós e tem este como um símbolo e um meio de produzir a vida. Nas últimas décadas estes povos são atingidos pelos agronegócio, garimpos clandestinos e construção de estradas. A população local reclama que o rio já está perdendo força e que seus descendentes não irão encontrar as riqueza deste rio e nem produzir saberes associados ao mesmo. Fonte: Documentário Fio da Meada – Silvio Tendler</p>
<p>MUNDURUKUS- PARÁ</p>	<p>Os Mundurukus tem forte relação com a natureza. Para eles ela é a mãe que os guia no cotidiano. Eles não querem conquistar terras, mas preservar o seu território que é fonte de reconhecimento de sua história. Os Mundurukus tem a atividade da pesca como uma de suas principais. Eles pescam em cima dos pedrais que ficam nos rios, pois descobriram, na tentativa de garantir sua subsistência, que os peixes desovam nos pedrais e por isso para obter uma boa pescada eles pescam ali. Fonte: Documentário Fio da meada - Silvio Tendler.</p>

1882



CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados reafirmamos que o ideário do Comum é o que move as relações de trabalho e de convivência que homens e mulheres estabelecem nas comunidades tradicionais. O Comum não é um princípio abstrato de solidariedade e busca pelo bem de todos, mas o ato político das lutas atuais contra a forma mercadoria, e por isso é tão importante manter essas práticas comunitárias, uma vez que são elas as alternativas concretas que buscam um horizonte de reprodução ampliada da vida.

1883

PALAVRAS-CHAVE: Modos de produzir a vida. Comum. Resistência. Comunidades tradicionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. E. S., & TIRIBA, L. (2018). **TRABALHO-EDUCAÇÃO, ECONOMIA E CULTURA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS: ENTRE A REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA E A REPRODUÇÃO AMPLIADA DO CAPITAL.** *Revista Trabalho Necessário*, 16(31), 136-164. <https://doi.org/10.22409/tn.16i31.p27375>

DARDOT, Pierre; CHRISTIAN Laval. **Comum:** ensaio sobre a revolução no século XXI, tradução Mariana Echalar. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** - uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **Costumes em comum:** estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Projeto de pesquisa. Disponível em: [file:///C:/Users/Particular/Documents/PROJETO %20DE%20PESQUISA-%20LIA%20TIRIBA /Projeto%20Lia%20Tiriba%20PIBIC%202021%20-%202022.pdf](file:///C:/Users/Particular/Documents/PROJETO%20DE%20PESQUISA-%20LIA%20TIRIBA/Projeto%20Lia%20Tiriba%20PIBIC%202021%20-%202022.pdf)

Fio da Meada. Direção: Silvio Tendler. Produção: Maycon Almeida. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x5Hk9PLVwBQ>.